



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia das Emoções [ST]

EMOÇÕES SOCIAIS EM ANÁLISE NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA CONJUGAL

CEREJO, Dalila

Doutorada em Sociologia , Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dalilacerejo@fcs.unl.pt

Resumo

Através da desconstrução e análise das dinâmicas da violência de género, particularmente das relações conjugais violentas, tenta-se perceber os motivos que levam as mulheres vítimas a permanecer em longos ciclos de violência conjugal. Exploram-se as dinâmicas e interações sociais entre todos os intervenientes das relações conjugais violentas e identificam-se as lógicas que contribuem para a manutenção dos ciclos de violência, que advém dessa interação. Ao mesmo tempo analisam-se os contextos da experiência emocional vivida pelas vítimas, em particular através de emoções sociais como a vergonha e culpa que aprisionam as mulheres na relação violenta. A análise desse contexto emocional faz-se, ainda, através do recurso a determinados indicadores de expressão emocional, em situação de entrevista, e que permitem explorar, de forma mais profunda, as dinâmicas emocionais por vezes não reconhecidas pelas próprias mulheres vítimas.

Abstract

Through the deconstruction and analysis of the gender based violence dynamics, particularly within violent intimate relationships, we shed light on the motives that imprison women victims to stay in long cycles of intimate partner violence. Personal dynamics and interactions amongst all intervenients are explored as well as the maintenance logics and rationalizations. At the same time we analyze the victim's emotional contexts, especially through social emotions like shame and guilt that impose captivity within the violent intimate partner violence. The exploration and analysis of this emotional contexts is also achieved with the analysis of Emotional Expression Indicators, during the interviews with the victims, which enabled more deepen knowledge production of the emotional dynamics which, sometimes, are not even recognized by the victims.

Palavras-chave: Violência, Crime, Violência de género, relações conjugais violentas; género, emoções *genderizadas*

Keywords: Violence, crime, Gender-based violence, intimate partner abuse, gender, gender emotions

[COM0760]

1. O problema social da violência de género incluindo a conjugal

O problema social que é a violência contra as mulheres, definido pelas Nações Unidas, na Declaração de Viena em 1993, sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres e adoptada pela Recomendação (2002) 5 do Conselho da Europa, como: «(...)any act of gender-based violence that results in, or is likely to result in, physical, sexual or psychological harm or suffering to women, including threats of such acts, coercion or arbitrary deprivation of liberty, whether occurring in public or in private life. (Artigo 1). Os actos perpetrados contra as mulheres podem assumir três tipologias distintas, ainda que a referida Declaração seja clara ao enunciar que o problema não se deverá circunscrever apenas a esta tipologia: «*Physical, sexual and psychological violence occurring in the family, including battering, sexual abuse of female children in the household, dowry-related violence, marital rape, female genital mutilation and other traditional practices harmful to women, non-spousal violence and violence related to exploitation*» (Artigo 2, Alínea a).

A Declaração de Viena alerta para o facto de a violência contra as mulheres dever ser assumida por todos os países e nações como uma grave violação aos direitos humanos e às liberdades fundamentais das mulheres. Dois anos mais tarde, em Pequim, a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres adopta a Declaração e Plataforma de Acção de Pequim, na qual se pode ler que a violência contra as mulheres é um obstáculo à igualdade, desenvolvimento e à paz, ao mesmo tempo que se assinala o carácter transversal desta violência: «*In all societies, to a greater or lesser degree, women and girls are subjected to physical, sexual and psychological abuse that cuts across lines of income, class and culture*» (Sessão D, Artº112).

Um dos mais recentes estudos internacionais de prevalência da violência contra as mulheres (Agência Europeia dos Direitos Fundamentais (FRA), 2014) divulga um relatório sobre a prevalência da violência contra as mulheres. Nele são divulgadas as estimativas da violência exercida contra as mulheres no conjunto dos 28 estados membros da União Europeia. Esses valores, estimados, apontam para cerca de 13 milhões de mulheres vítimas de violência física e/ou sexual no espaço da União Europeia, nos últimos 12 meses anteriores à realização do inquérito e cerca de 3.7 milhões de mulheres já foram vítimas de violência sexual. Os dados revelam ainda que 33% das mulheres inquiridas referiu já ter sido vítima de violência física e/ou sexual a partir dos 15 anos de idade. Um dado de particular relevância prende-se com a violência sexual quando perpetrada isoladamente: 1 em cada 20 mulheres (5%) foi vítima de violação depois dos 15 anos de idade. De entre as mulheres vítimas com parceiros/companheiros íntimos, actuais ou anteriores, 22% revelou ter sido vítima de violência física e/ou sexual perpetrada pelos mesmos.

Em Portugal, a dimensão da prevalência da violência contra as mulheres, tem vindo a ser analisada desde 1995, altura em que foi lançado o primeiro estudo nacional sobre a violência contra as mulheres (Lourenço, *et al.*, 1997). Na altura do estudo de 1995, a prevalência dos actos de violência física, psicológica e sexual era de 48%, valor que permitiu constatar a necessidade de aprofundar conhecimento sobre a dinâmica da violência contra as mulheres, as suas causas e as suas consequências. O último Inquérito à Violência de Género, realizado em 2007, permitiu uma visão muito mais clara e abrangente sobre a violência contra as mulheres em Portugal. O Inquérito de 2007 que contempla actos de violência física, sexual e psicológica, revelou que 38% das mulheres inquiridas, com 18 ou mais anos, foi vítima, no ano imediatamente anterior à realização do inquérito, de pelo menos um acto de violência física, psicológica e ou sexual. O mesmo inquérito revela que 74,7% dos autores dos actos de violência contra as mulheres são homens e 41,7 % dos agressores são os maridos/companheiros, actuais ou passados, o que permite enquadrá-la como violência doméstica, à luz do Decreto-Lei 400/82 do código penal Português. Esta conclusão permite enquadrar a violência contra as mulheres numa perspectiva de género: reforçando a forte imbricação das desigualdades de género e da discriminação das mulheres, em concordância com as definições de violência contra as mulheres publicadas pelo Conselho da Europa. Ainda que a violência contra as mulheres possa ocorrer nos mais variados espaços da esfera pública, esta investigação assume como interesse primordial a violência contra as mulheres exercida no espaço da casa e perpetrada por maridos, companheiros ou namorados actuais ou passados, quando as mulheres vivem em conjugalidade. Conhecida por *Intimate Partner Violence* (IPV), ou Relação Conjugal Violenta, esta forma de violência, circunscrita ao espaço

da casa e perpetrada pelos parceiros íntimos. A violência contra as mulheres é um fenómeno transversal a estratos sociais, idades, culturas e sociedades. O seu carácter global reforça a sua natureza de subordinação e dominação das mulheres enquanto processo histórico secular ainda hoje imbricado nas mais diversas estruturas sociais.

Nos últimos anos, este premente problema social em Portugal, tem sido confrontado através da aposta em políticas públicas de combate, assistência e apoio às vítimas. A prevenção tem sido uma preocupação manifesta, embora, neste domínio o caminho nos pareça incipiente. Mas as prevalências continuam elevadas, sobretudo porque sabemos que muitas das vítimas silenciam a vitimação (Lisboa, 1995, 2006 e 2009), por vezes durante anos, perpetuando, desta forma, a violência contra elas exercida. É, então, pertinente interrogarmo-nos por que se verifica ainda tamanho silenciamento da vitimação. Serão apenas razões que decorrem da dependência financeira da vítima em relação ao agressor? Será a herança social e histórica das mulheres enquanto guardiãs da harmonia familiar, assente num modelo de sociedade patriarcal que considera as mulheres inferiores aos homens?

Assim, interrogamo-nos sobre as razões que levam as mulheres a manterem a relação violenta. Trabalhos anteriores já permitiram perceber a importância dos filhos, da dependência financeira da vítima em relação ao agressor, nos contextos de perpetuação da relação conjugal violenta. No entanto quisemos explorar outros contextos das dinâmicas entre a vítima e o agressor, até hoje menos explorados: as emoções e os contextos emocionais que podem favorecer ou potenciarem a manutenção da relação conjugal violenta por parte das vítimas. Mas o papel de outros factores subjectivos, relacionados com os estados emocionais, na manutenção das relações tem sido menos explorado. Uma das vias de exploração destes contextos consiste em centrar a análise em algumas emoções já identificadas no inquérito de 2007, como a vergonha, o embaraço e/ou a culpa. Assim, procuramos verificar empiricamente se essas emoções contribuem para a manutenção do vínculo relacional entre vítima e agressor. Tratando-se de emoções sociais definidas por se diferenciarem de outros tipos de emoção dado que são alvo de um processo de aprendizagem e de assimilação de valores sociais: «aquilo que aprendemos a gostar ou a detestar, discretamente, ao longo de uma longa experiência de percepção e emoção» (Damásio, 2003, p. 66), também elas se inscrevem na identidade de todos os indivíduos através de modelos, valores, e identidade de género que, por sua vez, colocam o masculino e o feminino em posições sociais diferentes. Em seguida explicitaremos a metodologia delineada para analisar estes estados emocionais através da detecção dos Indicadores de Expressão Emocional (I.E.E.).

2. O uso da metodologia de detecção dos Indicadores de Expressão Emocional no contexto da violência conjugal

As emoções começam por se manifestar no corpo biológico de todos os indivíduos. Enquanto derivação do latim *emovere* que significa movimento, o termo emoção remete-nos para uma sequência de processos neurológicos e psicológicos que ocorrem no corpo e que produzem manifestações «muitas delas públicas, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos» (Damásio, 2003, p. 44). No campo do estudo das emoções humanas, o reconhecimento corporal e facial das emoções, tem sido feito tanto de avanços e descobertas como de controvérsias de ordem teórica e empírica.

Nesta investigação, propusemos-mos o desafio de “espreitar” para o «teatro do corpo» das nossas entrevistadas, tentando perceber possíveis estados emocionais ou emoções que se fossem manifestando no decorrer das entrevistas pela sua expressão corporal, facial. Foram entrevistadas 30 mulheres vítimas de violência conjugal a residir, ao tempo da entrevista, em casa abrigo ou que já tivessem por lá passado mas nunca num período de tempo superior a 2 anos.

Ao nível da recolha de informação através dos Indicadores de Expressão Emocional manifestados pelas entrevistadas, tem como objectivo perceber que contextos da violência conjugal mais se encontram marcados pela experiência da vergonha. Esta emoção social específica revela-se, também, através da nossa linguagem não-verbal: manifestações e movimentos corporais, faciais e expressões ou ritmos e pausas de discurso (linguagem paralinguística), entre outras. Para detectar a experiência emocional da vergonha in loco, ou seja, em momentos

específicos das entrevistas a mulheres vítimas de violência conjugal, foi desenhada uma grelha de indicadores faciais/corporais e paralinguísticos que em seguida indicamos: baixar a cabeça, afastar-se da entrevistadora, tapar cara/olhos/boca, corar, fechar os olhos prolongadamente, desviar olhar, esfregar mãos/esconde-las no colo, morder/pressionar boca e/ou lábios. No que se refere aos indicadores paralinguísticos – expressos através das tentativas falhadas de verbalização – eles são os seguintes: pausas longas (conforme indicadas na transcrição), choro e/ou comoção (inclui voz tremida), suspirar, risos forçados (Cerejo, 2014).

Para atingir resultados estatísticos relevantes e que nos permitissem identificar possíveis discrepâncias entre a experiência da vergonha verbalizada pelas entrevistadas e a vergonha manifestada através da linguagem corporal/facial e paralinguística, construímos uma base que permitisse cruzar as variáveis relativas aos I.E.E. e os assuntos que estavam a ser referidos pelas mulheres no momento em que ocorreu o I.E.E.

Em seguida, apresentaremos os resultados para a detecção dos I.E.E relacionados com a vergonha e detectados no decurso das 30 entrevistas realizadas para esta investigação.

3. Análise dos Indicadores de Expressão Emocional

A tendência de esconder partes do corpo como um dos principais indicadores da expressão emocional da vergonha, corroborar a articulação entre os comportamentos ou tendência de esconder ou tapar partes do corpo. O indicador mais frequente no conjunto das 30 entrevistas, foi baixar a cabeça com 1270 ocorrências. Embora não seja uma tentativa explícita de esconder ou tapar a cara ou rosto, reflecte uma necessidade de fazer desaparecer o rosto da frente do seu interlocutor (Cerejo, 2014). O segundo indicador de expressão emocional mais demonstrado durante as 30 entrevistas foi esfregar ou esconder as mãos no colo, com um total de 1227 ocorrências e claramente referente ao apelidado de “*hiding behavior*”, tal como o desviar o olhar da entrevistadora, que foi o quarto indicador mas revelado no total das entrevistas, a alguma distância dos outros I.E.E. referidos mais ainda assim com 547 ocorrências. Para uma análise mais detalhada do conjunto de ocorrências de I.E.E., o Quadro 1 apresenta a quantificação de todos os I.E.E. para o conjunto das 30 entrevistas.¹

Baixar cabeça	1270
Esfregar mãos/esconde-las no colo	1027
Pausas longas (como indicadas na transcrição)	682
Desviar olhar	547
Suspiros	499
Choro ou comoção (inclui voz tremida)	421
Fechar olhos	404
Tapar cara/olhos/boca	371
Corar	309
Pressionar/morder lábios e/ou boca	233
Risos forçados	162
Afastar-se da entrevistadora	153
Discurso desorganizado	76

Quadro 1 - Frequência de ocorrência dos I.E.E.

De facto, e no que se refere aos I.E.E. mais demonstrados, parece haver uma articulação entre a experiência da vergonha e os comportamentos não-verbais de evitar ou esconder-se da pessoa com quem se está a

interagir. As expressões corporais e faciais da vergonha parecem apontar para as tentativas de fugir e evitar os outros, através do corpo e até do olhar: «The virtually perfect association we found between shame and hiding behavior provides support for the emphasis placed on visual behavior as crucial in shame states. Persons in this state seem to want to escape from the gaze of the other. The emphasis on making oneself smaller seems to be only a special case of the more general process of hiding» (Scheff & Retzinger, 1991, p. 52).

Apenas um dos I.E.E, paralinguísticos está representado entre os três indicadores mais demonstrados pelas entrevistadas. As pausas longas, também se referem ao recurso a formas de arrastar o discurso ou expressões destinadas a ganhar tempo de resposta como “Ahhhhh”, ou “Ummmm”, ou outras formas de arrastar a vocalização ou verbalização no âmbito de uma resposta. Este e outros indicadores paralinguísticos podem revelar tentativas de esconder os pensamentos ou rever/manipular o discurso: «The silence of long pauses, inaudible, speech disruption and filler can be seen as ways of hiding one’s thoughts and feelings from oneself and from others» (*Idem, Ibidem*, p. 53).

Desta forma e ao nível dos indicadores paralinguísticos, as pausas longas com 682 ocorrências, foi o mais demonstrado, seguidas dos suspiros e o choro ou comoção (voz tremida), que embora não sejam aqueles que revelam maior quantificação, foram aqueles que mais se prolongavam no tempo de entrevista. O choro, a comoção ou a voz tremida, poderiam ocorrer ente 1 a 2 minutos de entrevista, enquanto, por exemplo, o I.E.E. mais frequente (baixar a cabeça) poderia manifestar-se durante 5 a 8 segundos. Os risos forçados e o discurso desorganizado, foram os indicadores com menos expressão no conjunto dos paralinguísticos, mas a sua importância para a detecção vocal da experiência das emoções não deverá ser ignorada: «Words hide shame under disguising labels; nonverbal gestures suggest physical hiding. Hesitations, pauses and filled pauses, laughed words are our talk about shameful, experiences» (Scheff, 1990b, p.71).

Igualmente importante é perceber que assuntos estavam a ser falados pelas entrevistadas no momento em que as expressões não-verbais, corporais e faciais da vergonha, se manifestaram. O quadro 2, assinala as temáticas que apresentaram maior frequência ao nível do surgimento dos marcadores de expressão emocional que procurávamos.

Descrição das situações de violência	961
Dinâmicas familiares e/ou amigos durante a relação conjugal violenta	522
Os filhos nos meandros da violência	395
Vergonha e culpa	246
O momento de ruptura	228
O Presente e o futuro	171
Razões da manutenção	169
Alienação emocional	152
Problemas saúde psicológica/física como consequência da violência	106
Medo	103
Outras emoções	79

Quadro 2 - Frequência de manifestação de I.E.E. por assunto abordado

As descrições das situações de violência destacam-se das outras temáticas em termos de demonstração dos indicadores de expressão emocional. As partes das entrevistas em que as entrevistadas reviveram as agressões, foram marcadas, especialmente pelo choro, comoção ou voz tremida, como veremos mais adiante. Mas é interessante analisar que os assuntos que mais produziram I.E.E. foram os que se reportam às interações com os outros: família, amigos e os filhos.

O que nos poderá revelar a análise estatística sobre os indicadores de expressão emocional e as narrativas verbais que as entrevistadas protagonizavam quando da sua manifestação? Poderá haver assuntos que possam estar associados com I.E.E. relativos à vergonha?

Os resultados que obtivemos confirmam a importância do estudo da vergonha enquanto emoção que condiciona e restringe as decisões e ações das vítimas. Quando analisamos as emoções verbalizadas, as próprias entrevistadas identificavam a origem da vergonha, no fundo, por que razão experienciavam essa emoção. Todavia, pensamos que esta análise poderá ajudar a compreender que outros assuntos podem estar relacionados com a vergonha e que não tenham sido identificados nos discursos das entrevistadas. Assim, entendemos que a detecção dos I.E.E. revelaria elementos de análise importantes não só para esta investigação, como para explorações futuras sobre as causas das relações conjugais violentas e os seus respectivos ciclos de violência.

Procederemos à análise dos indicadores de expressão emocional mais relevantes e as associações estatísticas entre eles e os assuntos abordados pelas entrevistadas no preciso momento em que ocorreram estas demonstrações emocionais.

Como referimos, o indicador “Baixar a cabeça” foi o mais manifestado no conjunto das 30 entrevistas. Do cruzamento entre a variável “Baixar a cabeça” e a variável que se refere ao assunto “Os filhos e a violência”, revelou que existe uma associação entre ambas ($R_{ij}=8,1^2$). A consciência da exposição dos filhos à violência, muitas vezes também vítimas de agressões, potencia a demonstração de indicadores relacionados com a experiência da vergonha nas vítimas quando se referem aos seus filhos.

A outra associação entre “Baixar a cabeça” foi detectada quando as entrevistadas verbalizavam sentir vergonha e culpa, nalguns períodos das relações violentas ($R_{ij}=2,1^3$). Esta associação poderá indicar que, de facto, a emergência da emoção vergonha e a sua verbalização, faz-se acompanhar de indicadores de expressão emocional a ela correspondentes. Verificamos, igualmente, que um dos outros indicadores comumente associado à vergonha “Tapar cara e/ou olhos e/ou boca” está, igualmente associado com as partes das entrevistas em que as mulheres falavam sobre a experiência de vergonha e culpa no período da relação conjugal ($R_{ij}=2,8^4$). Estes dados, embora careçam de maior aprofundamento, parecem ser interessantes ao nível da correspondência que protagonizam entre a verbalização das emoções como a vergonha e a manifestação de I.E.E. a ela associados.

O segundo I.E.E. que ocorreu com mais frequência “Esfregar mãos/escondê-las no colo”. As tentativas de esconder as mãos ou mesmo apenas os polegares é mais uma tentativa de ocultar partes do corpo ao interlocutor. A análise estatística revelou que esta variável se encontra associada com os momentos em que as entrevistadas descreviam as situações da violência ($R_{ij}=2,1^5$). A associação entre este indicador e as conversas sobre o “Medo” sentido no período da relação conjugal violenta foi expressa pelos resultados estatísticos ($R_{ij}=5,0^6$). Este indicador corporal, para além da sua articulação com a expressão não-verbal da vergonha, remete-nos para demonstrações de algum nervosismo e ansiedade.

Pausas longas (como indicadas na transcrição), foi o terceiro indicador mais revelado. Tratando-se de um indicador não-verbal mas relativo ao discurso, remete-nos para as hesitações enquanto tentativas de ganhar tempo antes de verbalizar uma resposta. Como já referimos, este indicador é importante uma vez que é muitas vezes usado para manipular o discurso verbal. As pausas longas revelaram-se associadas com duas temáticas: “O presente e o futuro” ($R_{ij}=2,8^7$) e “As razões da manutenção” ($R_{ij}=2,7^8$). É interessante verificar que este indicador se revela em assuntos relativos a três momentos temporais diferentes: a situação

presente, o que vai acontecer no futuro e a identificação dos motivos que conduziram as entrevistadas, no passado, a irem ficando. De facto, a análise dos discursos revelou que a situação futura é ainda fonte de enorme incerteza e instabilidade. A situação que as vítimas enfrentavam aquando da entrevista, também se caracteriza pela instabilidade uma vez que é uma situação de transição para uma nova etapa na vida destas mulheres. Quando ao seu passado perante a pergunta “E porque foi ficando?” foi, na totalidade das entrevistas, precedida de longas pausas ou risos forçados, como veremos mais adiante. Admitimos como hipótese que esta pergunta possa ter incomodado as entrevistadas que, conseqüentemente necessitavam de mais tempo para organizar e reflectir na resposta que pretendiam dar. As referências à situação das entrevistadas no “Presente e futuro” encontram-se também associadas ao I.E.E. “Pressionar/morder lábios e/ou boca” ($R_{ij}= 2,2^9$). Para além de ser uma desmonstração facial associada à vergonha, este indicador também se encontra comumente associado a situações em que os indivíduos se encontram em elevado *stress* ou ansiedade (Ekman, 1991).

O indicador “desviar o olhar”, era para Darwin um dos mais importantes na demonstração física da vergonha: «*The eyes were the primary expressive device of shame. The "eyes are turned ascant" and "waver from side to side." The eyelids are lowered and held partly closed from time to time*» (Izard, 1992:386). Desta forma, faremos, simultaneamente a análise do I.E.E., “fechar os olhos prolongadamente”, dado que parece haver uma articulação entre ambos. Assim, a variável “Desviar olhar” apenas está associada às tentativas de explicação sobre as “Razões da manutenção” ($R_{ij}=4,1^{10}$). Novamente, quando as entrevistadas eram questionadas sobre as razões que conduziram à manutenção, parecem demonstrar indicadores relativos à experiência da vergonha. Quanto à variável “Fechar os olhos” revelou-se associada com os discursos relativos às “Dinâmicas com familiares e amigos durante a relação conjugal violenta” ($R_{ij}=4,1^{11}$).

Podemos afirmar que encontramos uma discrepância entre a vergonha verbalizada e a vergonha detectada através dos I.E.E.. A vergonha verbalizada centrava-se em ocultar a vitimação (de familiares, amigos ou vizinhos), nos estados de alienação emocional que explicavam, segundo as entrevistadas, as reacções passivas e a percepção de falta de adequação ao papel social da mulher, por elas percebido. Ora, o que a análise que atrás produzimos revela, é que a vergonha transmitida através dos I.E.E. conduz-nos a temáticas diferentes daquelas que foram enunciadas na verbalização das emoções. Estas mulheres emitem sinais de vergonha, através dos I.E.E., quando se referem à situação dos filhos e a participação directa ou indirecta na violência; quando são questionadas sobre os seus longos períodos de manutenção da relação violenta; quando são questionadas a propósito de como se sentem depois da ruptura concretizada e como se veem no futuro. Ora, poucos destes assuntos se relacionam com a vergonha verbalizada.

Algumas emoções ou estado emocionais, são-nos desconhecidos porque não se tornam conscientes. Concomitantemente, em muitas situações da interacção social, não percebemos a nossa emissão desses sinais, indicadores de uma determinada emoção ou experiência emocional. Se Goffman tinha razão, apenas conseguiremos aprofundar mais o conhecimento dos atores sociais em situações em que lhes seja mais difícil “manipular” as suas impressões, acções ou discursos. Será por isso que encontramos esta divergência entre a vergonha admitida conscientemente e a vergonha emitida através dos indicadores de expressão emocional?

Por ora, esta é apenas mais uma etapa de exploração do fenómeno em debate. Uma etapa que consideramos ter sido importante para a desconstrução de alguns aspectos deste tipo de violência, tão silenciado, tão oculto, tão privado e tão complexo que necessita de várias investigações que atentem acumulativamente aos sinais menos evidentes que ele incorpora.

Referências Bibliográficas

Cerejo, Dalila. (2014). *Viver sobrevivendo: emoções e dinâmicas socioculturais nos processos de manutenção das relações conjugais violentas*. Tese de doutoramento em Sociologia. Lisboa: FCSH-UNL.

- Damásio, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa – As emoções sociais e a neurologia do sentir*. Mem-Martins: Europa-América.
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1981). The repertoire of nonverbal behavior: Categories, origins, usage, and coding. *Nonverbal communication, interaction, and gesture, Selections from SEMIOTICA* 57-106.
- European Council (2008). Task force to combat violence against women, including domestic violence (EG-TFV), Final Activity Report - *Proposals for future action of the Council of Europe and its member States to prevent and combat violence against women*. Strasbourg.
- Fundamental Rights Agency (2014). *Violence against women: an EU-wide survey - Survey methodology, sample and fieldwork*. Technical report.
- Izard, C. E. (1992). Basic emotions, relations among emotions, and emotion-cognition relations. *Psychological Review*, Vol 99(3), 561-565.
- Lisboa, M., Barroso, Z., Patrício, J., & Leandro, A. (2009). *Violência e género - Inquérito nacional sobre a violência contra as mulheres e homens*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Lisboa, M., Carmo, I., Vicente, L., Nóvoa, A., Barros, P. P, Silva, S. M., & Amândio, S. (2006). *Prevenir ou remediar: Os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*. Lisboa: Edições Colibri.
- Lisboa, M., Vicente, L., Carmo, I., & Nóvoa, A. (2003). *Os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Lourenço, N., & Lisboa, M. (1992). *Representações da Violência*. Lisboa: Ministério da Justiça - Centro de Estudos Judiciários.
- Scheff, T. J. (1990). “Socialization of emotions: Pride and shame as causal agents” In Kemper, Theodore D. (ed.), *Research agendas in the sociology of emotions*, SUNY Series in The Sociology of Emotions, 281-304.
- Scheff, T. J., & Retzinger, S. M. (1991). *Emotions and violence: Shame and rage in destructive conflicts*. Lexington, MA: Lexington Books/DC Heath and Com.
- United Nations (1993). *Vienna Declaration and Programme of Action*.

¹ Estes dados fazem parte da investigação de doutoramento da autora (Cerejo, Dalila). Tese de Doutoramento: Viver sobrevivendo: emoções e dinâmicas socioculturais nos processos de manutenção das relações conjugais violentas. Tese de doutoramento em Sociologia. Lisboa: FCSH-UNL, 2014.

² $\chi^2_{(1)}=65,507$; $p<0,001$.

³ $\chi^2_{(1)}=4,255$; $p=0,039$.

⁴ $\chi^2_{(1)}=8,116$; $p=0,004$.

⁵ $\chi^2_{(1)}=4,218$; $p=0,040$.

⁶ $\chi^2_{(1)}=24,572$; $p<0,001$.

⁷ $\chi^2_{(1)}=7,916$; $p=0,005$.

⁸ $\chi^2_{(1)}=7,404$; $p=0,007$.

⁹ $\chi^2_{(1)}=4,759$; $p=0,029$.

¹⁰ $\chi^2_{(1)}=16,473$; $p<0,001$.

¹¹ $\chi^2_{(1)}=6,386$; $p=0,012$.